

“A imagem da saudade retratada”: as epístolas de Cláudio Manuel da Costa

LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO

Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp.

Professor de Literatura no UNIPAM.

Resumo: Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) expôs em sua obra poética uma reflexão consciente sobre as diferenças culturais e políticas entre o reino português e a realidade da colônia, especificamente nas Minas de meados do séc. XVIII. Tendo vivido uma temporada de cinco anos em Portugal, o poeta conviveu com o espírito reformista de D. José I, e elaborou ele mesmo uma concepção de arte voltada aos bens da civilização e da vida política. De volta a Minas em 1754, terá sentido as contradições de uma sociedade do Antigo Regime, em espaço inculto e pouco civilizado. Dentre as suas *Obras*, publicadas em 1768, as 6 epístolas talvez sejam o momento mais autobiográfico do livro, em que o poeta revela tais contradições por meio do típico motivo da saudade portuguesa, e tomando a obra epistolográfica de Ovídio (as elegias *Tristes* e as *Cartas Pônticas*) como modelos. Este artigo propõe uma breve análise histórica das epístolas de Cláudio, considerando o modelo ovidiano, ao mesmo tempo em que tenta decifrar os motivos políticos e culturais que se escondem por trás de seus versos.

Palavras-chave: Neoclassicismo; epistolografia poética; saudade; Cláudio Manuel da Costa

Abstract: Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) showed in his poetical work a conscious reflection on the cultural and political differences between the Portuguese kingdom and the reality of the colony, specifically in the mid-18th century Minas Gerais. Having lived for five years in Portugal, the poet was familiar with the reformist spirit of D. José I, and elaborated himself a conception of art which was dedicated to civilization and political life. Back to Minas in 1754, he was to feel the contradictions of an *Ancien Régime* society, in an uncultured and non-civilized atmosphere. In his *Obras*, published in 1768, the 6 epistles may be the most autobiographical moment of the book, in which the poet reveals such contradictions through the typical motive of the Portuguese *saudade*, and also taking Ovid's epistolographic work (*The Sorrows* and the *Epistles from the Black Sea*) as models. This paper proposes a brief historic analysis of Cláudio's epistles, considering the Ovidian model, and also tries to decipher the political and cultural motives hidden in his verses.

Keywords: Neoclassicism; poetical epistolography; *saudade*; Cláudio Manuel da Costa

Quando publicou a compilação de seus poemas na Oficina de Luiz Secco Ferreira, em Lisboa, em 1768, o advogado e funcionário público mineiro Cláudio Manuel da Costa parece ter granjeado extraordinária fama junto a seus pares na longínqua América Portuguesa – conquista espantosa para quem estava distante do cenário intelectual português havia pelo menos 14 anos. Cláudio estivera numa temporada em Coimbra, onde lograra obter o grau de Cânones na Universidade, e voltara ao Brasil em 1754, a contragosto, por conta de circunstâncias pessoais – uma mãe viúva e uns

irmãos órfãos. Não sabia, entretanto, que o prestígio, pelo menos no bulício inicial da publicação de seus versos, poderia ser apenas mérito local: na recente biografia do poeta, Laura de Mello e Souza (2011, p. 131) nos informa sobre uma opinião lamentavelmente negativa da Marquesa de Alorna, dizendo de Cláudio que se tratava de “um pobre rapsodista [...] que bebeu e vomitou algumas passagens de Metastasio e do Guarino [sic]”. Mas a edição das *Obras* de 1768, convém dizer, não foi episódio de pouca monta, a despeito dos olhares pouco generosos de intelectuais do reino, que o tinham como letrado de aldeia, para além de uma antipatia política contra seus ímpetus pom-balistas notoriamente estampados no livro. Mais tarde, nas décadas de 1770 e 1780, outros poetas vindos de Portugal, como Tomás Antônio Gonzaga ou Alvarenga Peixoto, abeiraram-se dele, o que lhe foi crescendo a fama e o prestígio de patriarca das letras coloniais. Em rápida ascensão, Cláudio tornava-se doutor e poeta de renome nas Minas setecentistas.

A condição de “letrado de aldeia” (expressão de Laura de Mello e Souza) poderia não o ter ofendido ou incomodado, já que o funcionário público, bem ajustado à vida da colônia, deveria estar usando a poesia como forma de reputação social, ou mesmo acreditando que seus versos não haveriam de ter o prestígio dos grandes no reino. Mas incomodou. Tanto que Cláudio terá lastimado, aqui e ali, nos versos publicados em Portugal, a triste condição de homem culto desajustado ao próprio meio social, tão pouco propício ao cultivo das letras. É possível que tivesse optado por permanecer no Velho Mundo, desde a conclusão de seus estudos em Coimbra, a exemplo de outros intelectuais luso-brasileiros de seu tempo, como Basílio da Gama ou Frei de Santa Rita Durão, mas as circunstâncias o trouxeram à colônia, e foi aqui que ele compôs o melhor de sua poesia, e refletiu sobre os desacordos entre as duas realidades sociais que ele teria vivenciado. E será este um dos temas mais examinados da obra do poeta: a percepção conflituosa do intelectual dividido entre dois mundos sociais, o mundo literário e requintado da corte portuguesa, de um lado, e o espaço da ignorância e da incultura em terras coloniais, de outro. O próprio Cláudio já teria se lançado a tal análise de si mesmo: no “Prólogo ao leitor”, na primeira edição de suas *Obras*, justificava-se pelo pouco refinamento de sua poesia, atribuindo o fato à incapacidade de se dedicar às letras em espaço social tão pouco favorável à vida literária.

Mas a vida cultural de Minas daria grandes saltos nas décadas posteriores, e o mesmo Cláudio Manuel teria dado testemunho de novas perspectivas. No mesmo ano de 1768, o poeta deu à estampa outra coletânea de versos, as *Obras poéticas e Parnaso Obsequioso*, escrito às vésperas da edição, diferentemente das *Obras*, que reuniam textos de épocas diversas, desde o tempo vivido em Portugal. No livro novo, Cláudio via-se tomado de grande excitação com o anúncio da possível criação da Arcádia Ultramarina, inspirada nos moldes da famosa Arcádia Romana, e dedicou o livro a D. José Luiz de Meneses, Conde de Valadares, novo governador de Minas Gerais, recém-chegado de Portugal, e em quem o poeta depositava esperanças de um governo mais benévolo com as artes e com o fisco da mineração. Meneses esteve à frente do governo de Minas até 1772, não trouxe os benefícios esperados, a Arcádia Ultramarina não vingou, a mineração entrou em estado de decadência, o governo português apertou o fisco na colônia, e os tempos futuros se tornariam ainda mais sombrios, até a chegada da Inconfidência Mineira. De toda forma, o tom exaltado de 1768 denunciava boas esperanças

para o poeta já veterano que ansiava por trazer à colônia o espírito civilizado das ninfas do Tejo e do Mondego, que antes fizera parte de sua vida.

Tudo isso quer dizer que, frente às discrepâncias entre o Velho Mundo e a colônia, o jovem Cláudio Manuel da Costa, já homem de prestígio, doutor em Cânones, poeta versado na leitura dos clássicos e humanistas, sentia-se desconfortável e desajustado no mundo inculto das Minas de 1754, ano de seu retorno da temporada em Coimbra. Nas *Obras* publicadas em Lisboa, vez ou outra deixa entrever o seu drama pessoal, no meio dos artificialismos retóricos da poesia clássica. O grande volume de seus versos trazia, ao todo, 100 sonetos, 3 epicédios, uma fábula, 20 élogos, 6 epístolas, 4 romances, 2 *canzonette* (em italiano), 8 cantatas, 4 poemas diversos, e mais ainda um prólogo ao leitor e uma carta dedicatória. Era a reunião volumosa de seus poemas de uma vida inteira, escritos alguns deles, muito possivelmente ainda nos tempos de Portugal, e outros praticamente às vésperas da edição. A entremear os diversos gêneros pastoris a que se dedicara, Cláudio pincelou o seu drama pessoal em registros esporádicos, especialmente nos sonetos e nas epístolas, pontuando a história própria, por meio da história do pastor exilado em terra estranha, motivo já bastante explorado por outros do Renascimento. O poeta sentia-se ele mesmo como que exilado na própria terra, numa espécie de exílio cultural, e a considerar esse quadro, fará uma “canção de exílio às avessas”, conforme observação de Sérgio Buarque de Holanda (1991, p. 229). Clássico exemplo da reativação do tema é a Epístola VI, em que o pastor Sílvio, a pedido de Alcano, relata-lhe sua história de amor e seu conseqüente destino melancólico: Sílvio morava numa “pobre choça”, “habitação amada”, quando, um dia, uma ovelha perdida o arrastou a distantes margens do Mondego. Lá encontra o ameno ambiente propício para o amor, mas, junto ao rio, o tirano pastor Corebo, maioral rico e nomeado, que a todos controla, faz com que todos os pastores e pastoras silenciem seus sentimentos e investidas amorosas. Sílvio, no entanto, apaixona-se por Galateia, mas o amor é descoberto por Corebo, que os castiga, destinando o amoroso pastor ao triste exílio. Ali, de seu desterro, Sílvio dá notícias a Alcano de sua presente condição.

A Epístola VI parece ser o resumo argumentativo das preocupações de Cláudio com o problema do exílio. E seguindo essa linha, no conjunto das Epístolas inseridas nas *Obras* de 1768, o poeta repete esse eixo temático de forma exaustiva, propondo variações mínimas em torno da matéria, em que basicamente apenas os nomes de personagens são alterados. O argumento se projeta nos 100 sonetos, igualmente, mas no conjunto da centúria, o tema acaba por se tornar disperso, esporádico, quase invisível frente à composição do todo. Em pesquisa sobre os originais do poeta, Sérgio Alcides observou que, no códice manuscrito das *Obras*, Cláudio, dentre as diversas alterações feitas de última hora, teria riscado 3 sonetos já encaminhados à edição, para incluir os sonetos 2, 49 e 98, curiosamente ligados à temática da terra natal, o que denuncia um nível, qualquer que seja, de mudança da sensibilidade do autor em relação ao mundo da colônia. São sonetos célebres que conferem certa dignidade cultural às Minas daquele momento específico, ou seja, 1768 (ALCIDES, 2003, pp. 27-28). Melânia Silva de Aguiar concluiu o mesmo, quando pontuou que

a diferença de tom entre estas obras de 1768, ou seja, *Obras* e *O Parnaso Obsequioso/Obras poéticas*, pode ser nitidamente acompanhada, verificando-se uma mudança gradual entre a primeira e as últimas.

No livro *Obras*, constituído, ao que se supõe, de poemas feitos parte nos tempos do poeta em Coimbra, parte estando ele já de volta e estabelecido em Minas Gerais, fazem-se ainda tímidos os louvores à terra de nascimento e são parcos os indícios de uma amorosa contemplação dos elementos locais; há mesmo em muitos destes poemas a expressão de um desconsolo, por não poder “substabelecer aqui as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego” (AGUIAR, 2007b, p. 102).

Nesse sentido, Melânia Silva de Aguiar (2007a, pp. 177 e 183) também propõe figurar a obra de Cláudio em três momentos, a partir desses três olhares distintos sobre sua terra natal: um primeiro momento, com as composições de Coimbra, em que o poeta ensaia poesia barroca e religiosa (com obras editadas em opúsculos); um segundo, com as composições que vão dos tempos de Portugal até 1768, em que se vislumbra o poeta dividido entre duas estéticas e duas realidades sociais (com a obra editada em livro); e um terceiro, com as composições posteriores, mais ligadas a preocupações sociais, com menos artificialismo (com a obra inédita, inclusive o épico *Vila Rica*). Em síntese, Cláudio ensejou uma obra cujo percurso vai da poesia barroca e religiosa aos versos de maior dimensão social, passando pelo convencionalismo neoclássico, que caracterizou boa parte de seu trabalho.

Em outros termos, e pensando-se numa dimensão mais política de sua poesia, Cláudio mostrou que a vida na colônia alterava sensivelmente sua percepção sobre o próprio espaço social: se nas *Obras* escritas ao longo de anos, o funcionário público queixava-se de “um sepultamento na ignorância” em terras coloniais, conforme se lia no prólogo ao leitor, agora nas *Obras poéticas e Parnaso Obsequioso*, volume escrito em 1768, o tom lamuriento e saudosista dava espaço a novas perspectivas de vida, a novos programas políticos e culturais e, por consequência, a uma percepção diferente sobre a realidade social da cultura mineira.

Mas as Epístolas, muitas delas, senão todas, possivelmente escritas alguns anos antes (quem sabe pouco depois do retorno de Portugal), denunciam um motivo diverso: a decepção incontornável do poeta com o cenário de Minas, a sensação incômoda de um espaço nada favorável a seus projetos culturais, a amargura de uma vida distante da civilização, de uma vida entediada pelo desterro, esse desterro ideológico e imaginário, na própria terra. Era este por certo o tema das epístolas: o pastor exilado em terra incultas, afastado do mundo instruído, chorando saudades de um tempo outrora vivido junto às musas e aos rios da Europa experimentada no requinte e na boa educação. Na Epístola I, Alcino escreve ao amigo Fileno, dizendo de suas saudades do festivo Mondego, e da sua triste condição atual de quem se sente mudo para o canto. Na Epístola II, o jogo contrário: é Fileno quem responde às novidades do distante Alcano, que abandonou o sítio ameno para outras praias. A Epístola III retoma o foco da primeira: agora é Daliso, pastor triste, que vive num bosque inculto, com a lira mal tocada, e que manda lembranças ao pastor Salício, habitante das frescas praias do pátrio rio. A Epístola IV duplica o tema da terceira: é Meliso quem sente saudades do canto de Salício e que agora, na “corrente turva e feita deste ribeiro nosso”, lembra momentos

passados. A Epístola V duplica a segunda: Eurilo é quem vive na corte, na “civil sociedade”, e agradece uma carta recebida do amigo. Por fim, a Epístola VI dá notícias de fatos vividos por Sílvio, na terra das musas, e de seu desterro presente, conforme já comentamos.

A sequência de epístolas contida nas *Obras* de 1768, portanto, não é outra coisa senão variações em torno de um mesmo tema, o motivo central que tanto incomodou Cláudio Manuel da Costa: a sensação de exílio na própria terra, a inadequação de seus projetos civilizatórios a um espaço social infrutífero. A temática em si pode soar a ímpetos de caráter pessoal, mas as fontes literárias clássicas e humanistas que a desencadeiam revelam-se facilmente rastreáveis a partir dos próprios interesses de Cláudio, ou mesmo a partir de suas epígrafes e menções contidas no prólogo ao leitor: Ovídio, por exemplo, eterna inspiração para os desterrados, é a primeira ocorrência. Sannazaro, Diogo Bernardes e Camões são outros mencionados no “Prólogo”, e que lidaram igualmente com a temática do exílio. Dentre eles, o primeiro parece ter tido maior impacto na obra de Cláudio. A *Arcadia* de Sannazaro foi referência obrigatória para os árcades desde o séc. XVI: neste clássico romance entremeado de poesia, cuja edição *princeps* remonta a 1504, Sannazaro projeta no pastor Sincero, seu alterego, uma mistura de autobiografia e ficção, em que este personagem central narra sua história, toda ela uma sequência de episódios que envolvem um amor frustrado e um confisco de terras pertencentes a seu bisavô. Mas acima de tudo, uma história de desterro¹.

Dentre os escritores não mencionados pelo poeta de Mariana no seu prólogo, Jorge de Montemayor e Bernardim Ribeiro podem oferecer pistas reveladoras sobre o olhar de Cláudio sobre o tema do exílio a que ele se dedicou ao longo das epístolas. A *Diana* de Montemayor, pelo menos no eixo central do romance, é também uma história de exílio voluntário, cujo desfecho é o reconhecimento de uma identidade pátria, inteiramente dominada pelos elementos que a compõem: língua, cultura, civilização etc. Bernardim Ribeiro, que propôs variações em torno de um mesmo tema nas 5 écloas que publicou juntamente com a *Menina e moça* (na edição de 1554, aos cuidados do judeu português desterrado Abraão Usque), igualmente envolveu-se com o problema do exílio, por certo levado pelas circunstâncias pessoais de perseguição aos sefardins na Península Ibérica, a julgar pela crítica especializada, ainda que a informação seja bastante polêmica (MACEDO, “Bernardim Ribeiro”, in MACHADO, 1996, pp. 416-417). Mas é Ovídio quem parece ter dado a contribuição mais substancial para as reflexões de Cláudio sobre seu desterro na própria terra. Como esclarece Sérgio Alcides,

desde a Idade Média, no campo retórico-poético, o sentimento e a situação de desterro estavam quase que obrigatoriamente subsumidos ao modelo ovidiano. Mesmo no âmbito religioso, os lamentos do sulmonense serviram com frequência à expressão de um sentimento de exílio terreno, antes a pátria celestial dos bem-aventurados (ALCIDES, 2003, p. 94).

Ovídio foi, de fato, modelo indispensável para os que sofreram a amargura do exílio. E Cláudio, tão logo adverte o leitor sobre sua inadequação ao meio social, no

¹ Para uma aproximação entre Cláudio Manuel da Costa e Sannazaro, ver Nepomuceno (2005).

prólogo de seu livro, busca de imediato uma aproximação pessoal com o poeta latino, a sugerir que ambos fossem como companheiros de um mesmo mal. Mas a aproximação é apenas ideológica. Cada um a seu tempo, e em circunstâncias muito distintas, Cláudio e Ovídio tiveram destinos também muito diversos. No ano 8 d.C., Ovídio, por motivos ainda não bem esclarecidos, recebeu do imperador Augusto a sentença de *relegatio*², ou desterro, e foi levado ao mais distante ponto geográfico do Império, no porto de Tomos, à margem ocidental do Mar Negro (hoje, a Romênia): longe de Roma, o mais famoso poeta latino daquele começo de século conviveu com gente estranha, sofreu o afastamento dos amigos e da esposa, enfrentou o frio do inverno romeno, lidou a contragosto com os hábitos da gente local, os getas, e definitivamente não se adaptou à vida entre aqueles que ele próprio chamaria de “bárbaros” ou “selvagens”. A proibição de residência em Roma parece lhe ter retirado a própria vida: nos dois livros que testemunham a amargura do exílio (as *Elegias tristes* e as *Cartas Pônticas*), Ovídio queixa-se desesperadamente da situação de afastamento (nenhum desterrado fora levado a terras tão longínquas!), e pede com frequência que os amigos intervenham em seu favor junto ao grande deus Augusto. Ettore Paratore (1987, p. 514) argumenta que os dois livros do exílio deixam entrever a decadência do genial poeta do amor e do erotismo: excessivamente lamurientos, revelam que Ovídio não pôde suportar a vida fora do sucesso mundano, a julgar pela sua existência vaidosa na Urbe. Mas dentre as lamúrias e bens perdidos que se revelam, especialmente nas *Cartas Pônticas*, o mais caro objeto que se perde a Ovídio no exílio é a própria pátria, com tudo aquilo que a ela está vinculado: a cultura, a língua, a civilização (QUEIROZ, 1998, p. 77). “Nesta terra em que tenho de viver, a mim me basta, se conseguir, ser um poeta entre os selvagens getas”, queixa-se o poeta urbano. “Que me importa alcançar a fama na outra extremidade do orbe?” (*Pont.* I, 5. OVÍDIO, 2009, p. 24).

Quando Cláudio Manuel da Costa elege o poeta sulmonense como seu igual no sofrimento do exílio, sabe que Ovídio lamenta não exatamente a perda de pessoas ou bens e propriedades, mas tão somente a distância da civilização e da cultura urbana, a distância do requinte da arte clássica, o espaço intransponível que o separa da bela sonoridade de sua língua pátria. Nas suas elegias *Tristes*, por exemplo, a formosura do latim clássico que aos poucos se apaga cai como sentença de morte ao poeta desiludido: “Não duvido que haja neste livro muitos vocábulos bárbaros, não por causa do autor, mas por culpa do lugar. Para que não perca, entretanto, o hábito da língua romana e minha voz não se torne esquecida da inflexão pátria, falo comigo mesmo, e procuro recordar as palavras de que perdi o hábito e repito os vocábulos funestos de minha produção poética. Assim, iludo o espírito e o tempo: e não só me distraio como também me desvio da obsessão da desgraça” (*Trist.* V, 7. OVÍDIO, 1952, p. 207).

Dentre as diversas lamentações do poeta dos *Amores* (a infidelidade de alguns amigos, a dureza na sentença imperial, o arrependimento de ter escrito a poesia erótica), pelo menos duas questões devem ser ressaltadas como pontos de convergência com os interesses de Cláudio Manuel da Costa: a terra com sua gente inculta e bárbara,

² Maria José Queiroz esclarece que a pena de *relegatio* era diferente da de *exilium*, porque no primeiro caso, o cidadão romano era levado a outras terras, sem perda de seus direitos políticos e de suas propriedades (QUEIROZ, 1998, p. 69).

e a criatividade literária que subitamente se esvai frente a tal cenário. “Pensava, porém, que, privado da terra onde nasci, me houvesse saído em sorte, pelo menos, viver numa região humana”, dirá Ovídio.

Jazo, nada obstante, abandonado nas areias da extremidade do orbe, onde a terra ostenta perpétuas neves. Aqui o campo não produz frutos nem doces racemos; não reverdejam salgueiros nas ribeiras, nem robles nas montanhas. O pélago não merece mais louvores que a plaga: suas vagas, privadas de sol, estão sempre intumescidas pelo furor dos ventos. Para qualquer direção que se olhe, estendem-se planícies sem cultivo e terras desertas que ninguém reivindica” (*Pont. I, 3. OVÍDIO, 2009, p. 16*).

Não serão raras as vezes em que Ovídio, por uma espécie de metonímia, toma a incultura da gente pela incultura da terra. “Bárbaro Danúbio”, dizia ele, ao se referir ao rio que chega às margens das terras de seu exílio, no Mar Negro (*Pont. III, 3, OVÍDIO, 2009, p. 94*). O frio insuportável, a esterilidade da terra, a paisagem escura e feia, tudo isso são elementos que Ovídio cria (por vezes, em recursos mais literários que factuais) para definir uma relação estreita entre a incultura da terra e a incultura da gente.

Mas para além da esterilidade da terra no exílio, o drama pessoal de Ovídio reside especialmente na esterilidade de sua musa, na incapacidade de escrever entre bárbaros, na imperícia com a própria língua que vai sendo esquecida, a considerar o tempo e a distância da civilização. “Crê-me: se esta plaga abrigasse o próprio Homero, ter-se-ia ele também transformado num geta” (*Pont. IV, 2, OVÍDIO, 2009, p. 102*), lamenta-se o poeta, num ímpeto de ironia. São os males da ausência de um bem superior e metafísico, conforme bem define Maria José Queiroz (*Op. cit., p. 72*): “À minguia de leitura, e também de leitores, padece ele a mais áspera das solidões: a da inteligência. Esgota-se-lhe o talento, a sua poesia se empobrece [...]. No meio dos bárbaros, é ele, sim, o bárbaro”.

Cláudio Manuel da Costa deve ter bebido da fonte ovidiana, quando escreveu a seu leitor que o retorno à pátria parecia destinar a ele o afastamento inevitável da civilização: “Não permitiu o Céu que alguns influxos, que devi às águas do Mondego, se prosperassem por muito tempo: e destinado a buscar a Pátria, que por espaço de cinco anos havia deixado, aqui entre a grossaria dos seus gênios, que menos pudera eu fazer que entregar-me ao ócio, e sepultar-me na ignorância!” (“Prólogo ao leitor”, in: *Poesia dos Inconfidentes*, p. 47). O poeta, de retorno aos confins do sertão mineiro, estava ciente, ou pelo menos acreditava estar ciente, das diferenças culturais que separavam a colônia do centro nevrálgico do império português: aquele retorno involuntário era o mesmo que exílio, significava o mesmo que sepultar-se na ignorância. O patriarca do Neoclassicismo brasileiro, pelo menos entre 1754 e 1768 (ano em que projetava a Arcádia Ultramarina, em que confiava ao novo governador de Minas a missão de revitalizar a política e a cultura local), buscou consolo nas próprias letras, a considerar a sensação incômoda de ser o “letrado de aldeia” no meio dos incultos.

As epístolas publicadas nas *Obras* de 1768 revelam-se o momento mais “autobiográfico” do livro, a par de uma dezena de sonetos, em que o advogado e funcionário público, já estabelecido na colônia, procurava reconstruir aspectos singulares de sua

identidade, ao mesmo tempo em que os identificava com elementos e *tópoi* da cultura clássica. O gênero epistolográfico, em forma de poesia, era antes de tudo também um motivo ovidiano. Ovídio, já versado na epistolografia imaginária (as *Heroides* eram cartas de personagens ilustres da mitologia), agora em situação real, omitira os nomes de seus interlocutores nas primeiras cartas que enviara a Roma, nas elegias *Tristes*, por achar que poderia comprometer os amigos em envolvimento políticos, mas acabou por revelá-los no livro seguinte, nas *Cartas Pônticas*, quando acreditou que o exílio já era assunto distante no tempo (as *Pônticas* foram escritas pelo menos quatro anos depois da sentença do exílio). Mas nas epístolas de Cláudio, os nomes são pura ficção pastoril, como que desdobramentos de seu próprio eu lírico:

A epístola assume não poucas vezes expressão puramente convencional. Quer dizer: nem sempre é dirigida a uma outra pessoa. Em Cláudio, há epístolas com endereço certo, por exemplo as duas escritas a Salício. No caso em pauta, porém, seu convencionalismo é evidente. Quem escreve é o mesmo que recebe. O destinatário é com certeza Cláudio Manuel. E quem o missivista oculto sob o misterioso nome de Eurilo? Tenho para mim ser o próprio Cláudio. O nome de Eurilo ocorre esta única vez, e confessamos não o ter identificado com personagem nenhuma da Antiguidade clássica de onde parece provir (LOPES, 1997, p. 106).

As 6 epístolas de Cláudio, todas elas variações em torno de um mesmo tema, conforme já dissemos, recriam situações ovidianas típicas, em que o pastor-poeta se vê diante de terras incultas e deixa inevitavelmente silenciar a sua musa. É o que evidencia, por exemplo, Alcino, alterego de Cláudio, logo nas primeiras estrofes da égloga de abertura:

Entorpeceu-se o canto,
E a Musa tristemente enrouquecida
Se viu, depois que a sorte desabrida
Trocou o doce encanto
Das Ninfas do Mondego,
Pelo deste retiro inculto emprego (Ep. I, *A poesia dos Inconfidentes*, p. 245).

Mas a esterilidade criativa de Cláudio, seguindo o *topos* do modelo ovidiano, e a considerar o tempo de execução de suas *Obras* ao longo de pelo menos 14 anos, sugere um argumento bem mais retórico do que efetivamente biográfico, como de resto acontece nas identidades postiças da poética neoclássica. Conforme pontua Hélio Lopes, “o poeta dramatiza a esterilidade criadora, atitude muito condizente com seu temperamento melancólico” (LOPES, *Op. cit.*, p. 84). Em outros termos, Cláudio não escreveu menos em Minas do que em Portugal, não se sentiu menos levado à poesia aqui do que lá, e se as queixas de que o canto se entorpeceu nas terras da colônia sustentam o tema central das epístolas, isso é apenas artifício literário de uma espécie de sujeito retórico que reconstrói elementos de sua existência pessoal, em função de argumentações meramente retóricas da poesia clássica. E a par do silêncio poético como eixo central das

epístolas, consequência do desterro entre os incultos, outros temas vão ali se mostrando recorrentes, como a saudade (lembre-se a relação entre exílio e saudade nas éclogas de Bernardim Ribeiro), a mítica Idade do Ouro, a mudança na condição existencial do pastor exilado, e até mesmo a reminiscência platônica das almas exiladas no mundo material (tema este transversal, que ocorre apenas por estar presente nos autores referenciais lidos por Cláudio).

O “silêncio poético” alegado por Cláudio na Epístola I (motivo que se desdobra nos poemas seguintes) revela-se uma razão, antes de tudo, social e política: é a percepção sensível de um poeta que compreende as contradições e dificuldades de uma terra colonizada, a que ele deve conferir celebridade por meio da poesia, sem perder o veio da tradição cultural clássica, de que ele é herdeiro. Conforme bem observa Roberto de Oliveira Brandão: “O poeta, sem romper com o sistema literário vigente, mobiliza suas experiências, emoções e intuições em busca de uma linguagem capaz de expressar o objeto de seus desejos [...]” (BRANDÃO, 2001, p. 13).

A preocupação de Cláudio com a importação de modelos éticos e culturais da Europa para o Brasil, a princípio motivo de indagações profundamente pessoais, revela-se um tema transversal no meio dos artificialismos do conjunto de epístolas, ainda que, mesmo projetando interesses próprios na observação da terra pátria, ele não se distancie de suas heranças clássicas. Ele é o artista da aldeia que, sem diálogo com seus pares, deseja elevar a terra inculta à condição de espaço culto e letrado, embora isso se evidencie com plenitude apenas nas *Obras poéticas e Parnaso Obsequioso*, de 1768. Pode parecer estranho dizer da falta de diálogo justamente no gênero epistolar, mas observe-se que nas epístolas de Cláudio, o diálogo nunca é com seus pares, porém é sempre com o estrangeiro, com o outro que se encontra em dimensão social diversa, em condições outras de existência. No conjunto das Epístolas, por exemplo, Alcino, Algano, Daliso, Meliso, Alcido e Sílvio (curiosos nomes pastoris que, por vezes, parecem jogos anagramáticos) cumprem o papel do aldeão que chora saudades da existência vivida na sociedade culta, enquanto Fileno, Salício e Eurilo desempenham o personagem de natureza contrária, a sugerir a vida na corte. A considerar o imenso acervo de figuras pastoris da poesia clássica, trata-se de personagens tipicamente vinculados aos artificialismos da literatura árcade, mas funcionam, ao mesmo tempo, e contraditoriamente, como elementos palinódicos de uma reflexão social e política sobre a condição da colônia.

Considerando tudo isso, pensemos o que significa efetivamente o “exílio imaginário” de Cláudio Manuel da Costa, esse “sepultamento na ignorância” inspirado pelos livros do desterro ovidiano. Nesse sentido, será preciso avaliar pelo menos dois pontos de fundamental entendimento: a poesia como instrumento civilizatório; e o mito da Idade do Ouro como imaginário do mundo requintado e aristocrático. Nesse viés, a saudade que se apresenta nas epístolas, consequência do distanciamento da civilização, refere-se à perda de uma condição existencial. Bernardim Ribeiro metaforizara a perda da terra e da própria comunidade de Israel por meio da saudade amorosa, motivo célebre da poesia lírica pastoril que, a partir daquele contexto específico, assume também ele especificidades políticas e metafísicas. Para Cláudio, no entanto, a saudade, ou “a imagem da saudade retratada” (conforme se lê na sua Epístola V, de Cláudio), motivo que acompanha a temática do exílio voluntário, eixo central das epístolas,

assume também aqui uma dimensão mais ampla, porém um direcionamento de natureza essencialmente política.

Em que sentido? Cláudio terá vivido na colônia as contradições de uma sociedade do Antigo Regime, toda ela subordinada a um modelo português de civilização e prática social, em que se exaltam as condutas civis, a hierarquia de valores e as práticas de virtude e civilidade³. A saudade nas suas epístolas é, na verdade, a saudade de uma condição social, assim como, nas élogos de Bernardim Ribeiro, a saudade (disfarçada de romance amoroso, como manda a tradição pastoril) é a reminiscência de uma vida espiritual e metafísica. E assim como a saudade de Ovídio será a saudade de um bem civilizatório. Esse bem social que falta aos pastores nas epístolas de Cláudio, e por extensão, a ele mesmo, como intelectual e poeta, é justamente a civilização e o requinte de um mundo aristocrático que ele encontrara em Portugal, conceitos que se adicionam à prática da poesia, também ela veículo dessa mesma civilização. Embora faça a convencional defesa do mundo rústico em detrimento da polida sociedade de corte (argumento da Epístola V, uma espécie de palinódia de todas as autoras), a saudade que Cláudio efetivamente manifesta é a saudade da cultura, dos tempos vividos no reino, acompanhando, mesmo na timidez da juventude, o projeto esplendoroso de D. José I, aliado a seu primeiro ministro, o Marquês de Pombal, que juntos empreitavam revoluções sociais e políticas no país e projetavam novos rumos para o grande destino da arte, especialmente da poesia, a julgar pelo patrocínio financeiro da segunda edição da *Arte Poética*, de Francisco José Freyre (Cândido Lusitano), impressão dedicada a Pombal. Veja-se, a exemplo, o que o poeta sugere na Epístola III:

Saúde vos deseja
E plácido descanso
Daliso, o Pastor triste, cujo emprego
E mal tocada lira e gado manso,
Que nem maligna inveja,
Nem êmula porfia em seu sossego
Altera, atravessando o bosque inculto,
Desde o monte frondoso ao vale oculto.

Aquela harmonia,
Nunca no bosque ouvida,
Cítara, que regia o vosso canto,
Com que ativo desejo me convida
À pena mais saudosa!
Se souberas, Salício amado, quanto
Me chega a arrebatrar aquele acento,
Duvidareis vós mesmos do tormento (Ep. III, *A poesia dos inconfidentes*, p. 249).

³ Quero ressaltar nessa linha a contribuição decisiva dos estudos de Ricardo Martins Valle (2002, 2005 e 2006) sobre a poesia de Cláudio Manuel da Costa, que, em síntese, pontuam com clareza a relação entre poesia e civilidade, arte e hierarquia de privilégios no polimento das práticas civis. Seu trabalho é imprescindível para se compreender os equívocos nas análises de poetas do Arcadismo, especialmente se considerarmos a permanência de valores românticos numa parte da crítica brasileira nos sécs. XIX e XX.

No trecho acima, as dicotomias que Daliso expressa a seu amigo Salício (“mal tocada lira” x “aquela harmonia”; “bosque inculto” x “vosso canto”) revelam um jogo de imagens em que se percebem dois mundos sociais contrários e, de certa forma, conflituosos na consciência do poeta. A “pena mais saudosa” mencionada nos versos acima é inequivocamente a expressão da saudade de um bem perdido, voltado a um tempo de convívio com as musas na terra que o acolheu nos anos da juventude, quando a poesia era o primeiro plano de um modelo social e político, todo ele aristocrático, que se construía para o futuro.

Quando de seu retorno às Minas, portanto, os contrastes se fizeram evidentes. Reino e colônia seriam estampados na sua poesia também por meio das metáforas da natureza: “Vida afora, as águas sujas e as limpas, ora opostas, ora fundidas, remeteriam à metrópole e à colônia, compondo a metáfora recorrente da sua indecisão e do seu estranhamento” (MELLO E SOUZA, 2011, p. 73). Tomando Ovídio como modelo, Cláudio igualmente toma a incultura da gente pela incultura da terra, conforme se lê em seus versos:

Turva e feia, a corrente
Deste ribeiro nosso não habita
Driada, que repita
Em branda voz, o número cadente:
Que tudo nele triste fez o fado (Ep. IV, *A poesia dos inconfidentes*, p. 253).

Seguindo essa dinâmica da “canção do exílio às avessas”, é possível entrever em Cláudio uma situação particular do intelectual que vive à margem do modelo cultural a que está submetido, como bem percebeu Ricardo Martins Valle: “*Estrangeiro aqui como em toda a parte*, esse deslocamento de Cláudio é, embora em situação específica, um modelo da situação do intelectual brasileiro, que busca a adaptação das próprias origens às matrizes do pensamento europeu” (VALLE, 2002, p. 202. grifo do autor). Trata-se, de uma condição que, de certa forma, inaugura uma realidade do próprio intelectual mantido à margem dos modelos culturais a que deve se submeter. No caso de Cláudio, a própria poesia deveria funcionar, no âmbito de sua ficção pastoril, como uma espécie de empenho imbuído de forte intuito civilizador. Sua realidade social parece espelhar a futura condição dos intelectuais de países periféricos que se veem às voltas com o difícil problema da identidade, frente às tradições culturais seculares do velho mundo – vira e mexe o nacionalismo, como dirá Leyla Perrone-Moisés.

Por fim, é preciso dizer ainda que, abarcando os temas da saudade e do exílio, Cláudio acaba buscando também o mito da Idade do Ouro, uma das questões mais visitadas do imaginário neoclássico. Sérgio Alcides, apesar de seu grande estudo sobre Cláudio estar centrado numa dimensão social, também acredita que o poeta na própria terra peregrino revela-se um “desterrado no mundo”, saudoso de uma neoplatônica pátria das almas (ALCIDES, pp. 32, 107, 169-177, 257), na medida em que “o passado feliz e o mundo celestial se confundem para o desterrado” (idem, p. 171). Sem contradizer por inteiro a afirmativa de Sérgio Alcides, apesar de julgar difícil uma propriedade metafísica na obra de Cláudio, poeta pouco dado a meditações filosóficas, prefiro

acreditar que a Idade do Ouro, pelo menos nas epístolas das *Obras* de 1768 – e por extensão em muitos dos poemas contidos neste livro – identifica-se com um projeto de natureza cultural e social, bem mais que filosófica. A Idade do Ouro, como também o percebeu Ricardo Valle, é valor de um bucolismo setecentista que “põe em cena uma rusticidade refinada que não aponta para o presente das relações de trabalho, mas para um passado reinventado de uma aristocracia fora de palácios” (VALLE, 2002, p. 197), em que o pastor é símbolo inequívoco da própria expressão de vida aristocrática.

Quero concluir com o mesmo livro que deu início a minhas reflexões: a biografia de Cláudio recém-publicada por Laura de Mello e Souza coloca em cena um poeta bem mais conservador do que se acreditava um tempo atrás: menos iluminista, menos revolucionário, e mais aprisionado ao mundo eclesiástico e, sobretudo, aristocrático. Ricardo Valle chega a negar-lhe qualquer laço com a Ilustração que se promovia na Europa, em função de uma força política inteiramente entregue à subordinação hierárquica. É possível que as epístolas não expressem tão visivelmente esse conteúdo e essa face conservadora que se lê com mais notoriedade nas poesias encomiásticas, algumas delas contidas nas églogas com dedicatórias políticas. No entanto, a julgar pelo modelo social sonhado pelos pastores das epístolas (centrado na saudade da civilização aristocrática), é possível que a conclusão de Laura de Mello e Souza sobre o viés político de Cláudio aponte para conclusões muito coerentes sobre o nosso patriarca do Neoclassicismo, esse exilado melancólico em sua própria terra.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Melânia Silva de. “Editar Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga: um diálogo possível”, *Veredas*, (8): 171-184, 2007.

_____. “O legado árcade no Brasil: a difícil mudança”, *Revista Convergência Lusíada*, (24): 100-111, 2007.

ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas, 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003.

A POESIA dos inconfidentes: Poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Org. Domicio Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et. al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *Poética e poesia no Brasil (Colônia)*. São Paulo: Editora Unesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. Org. Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOPES, Helio. *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 1997.

MACEDO, Helder. "Bernardim Ribeiro", in: MACHADO, Álvaro Manuel (org.). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NASO, Publius Ovidius. *Tristium*. Trad. Augusto Veloso. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

NEPOMUCENO, Luís André. "Sannazaro e Cláudio Manuel da Costa: dois pastores peregrinos", *Letras*. PUC Campinas, vol. 24, n. 1, jan./jun. 2005, pp. 61-78.

OVÍDIO. *Cartas Pônticas*. Trad. Geraldo José Albino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.

QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. São Paulo: Topbooks, 1998.

VALLE, Ricardo M. "A ordem dos afetos: a bucólica de Cláudio Manuel da Costa", *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, (1): 71-88, 2005.

_____. "A perpetuação da hierarquia: sentidos políticos do encômio poético de Cláudio Manuel da Costa", *História e Perspectivas*, (34): 189-223, jan./jun., 2006.

_____. "Entre a tradição e o novo mundo: um ensaio sobre a poesia de Cláudio Manuel da Costa", *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, (2): 192-2005, 2002.